

Conteúdo e Estilo

Gilberto André Borges

Forma e conteúdo na arte são inseparáveis, uma complementa e produz a outra. Quando o artista produz uma obra de arte, coloca nela a sua visão do mundo, sua maneira de pensar e de sentir. Esta maneira de ver as coisas, a espiritualidade do artista (não somente no sentido religioso, mas espiritualidade como a **consciência** do artista de sua época, de sua vida, de seus valores morais e religiosos) é que constitui o conteúdo da obra de arte. Isto não significa que a obra de arte necessariamente represente a figura do artista, mas sim que a figura do artista está presente no conteúdo, no significado dessa obra de arte. Cada artista é um ser humano distinto, com seus valores pessoais e seu modo de produzir arte é o modo de quem tem este tipo de valores, de maneira que, se seus valores pessoais fossem outros, produziria de outra forma, talvez até escolheria outros temas para abordar. Se algum valor pessoal mudar na vida do artista, esta mudança se refletirá na sua arte. O próprio fato de fazer arte se incorpora à espiritualidade do artista. A maneira como o artista dá forma a obra de arte é a expressão da sua espiritualidade, que por sua vez é única e inconfundível. Este traço pessoal único e inconfundível é que é o seu estilo.

Determinados tipos de espiritualidade se identificam com determinados tipos de estilo. Tal identificação ocorre não só a nível pessoal no indivíduo do artista, mas também se verifica entre vários artistas de um mesmo período histórico. Um estilo somente se afirma como tal quando descobre a sua maneira de formar. A espiritualidade constrói o estilo. Artistas de uma mesma época, que pensam de uma maneira correlata, formam estilos individuais, mas interligados entre si por este modo semelhante de pensar e estar no mundo frente ao período histórico em que vivem. No artista, a personalidade artística se funde com a sua própria identidade. A mesma personalidade que cria é a que enfrenta a vida. Este enfrentar a vida vai acumulando experiências e estas experiências vão transformando a espiritualidade do artista. Neste processo seu estilo, aos poucos vai sendo conquistado.

Na produção de uma obra de arte, a espiritualidade em primeiro lugar necessita de um estilo, bem como vice-versa. Nisso consiste o que o chamamos de expectativa. Esta expectativa também se manifesta quando de uma experiência estética, pois o nosso gosto

procura na obra de arte a satisfação das expectativas criadas pela nossa própria espiritualidade. Isso pressupõe um juízo que é pessoal quando que por identificação com um determinado estilo se exprime uma ordem de preferência. O gosto se forma quando se toma por parâmetro os juízos de outras pessoas às quais se considera que tenham bom gosto. Este é o processo de construção sócio-histórica do gosto. Assim, o gosto se torna algo universal e nos permite emitir juízos sobre o que é belo e o que não é. Porém, só podemos emitir juízos acerca de um objeto pessoalmente, de modo que este gosto universal se subjeta ao nosso gosto pessoal ou, em outros termos, se subjeta à nossa identificação com o objeto. Isto pode ser perigoso, pois podemos considerar feio o que não corresponde as nossas expectativas. Isto nos obriga a um equilíbrio de juízo (bom senso). É este bom senso que nos faz ver em obras das quais não gostamos o seu valor intrínseco, como também o mudar do gosto pelo passar do tempo, nos abre novos horizontes sobre obras às quais não gostávamos anteriormente.

Sempre buscamos na obra de arte a satisfação de uma expectativa criada pela nossa espiritualidade. O variar ao longo do tempo de nossos valores morais, místicos, de nossa forma de encarar e ver o mundo explica porque o gosto é histórico e muda com as transformações que os tempos trazem. Isto é válido a nível pessoal (mudanças de gosto experimentadas por uma pessoa durante as diferentes fases de sua vida) e a nível coletivo (a preferência por determinadas maneiras de formar características de certos períodos históricos). É papel do artista revelar na obra de arte a expectativa criada pelo espírito de seu tempo.

Estilo é a espiritualidade do artista colocada na obra (ou em todas as suas obras) de arte e também pode ser a semelhança entre obras de arte de diferentes artistas de uma mesma época ou de épocas distintas. Isto pode explicar-se por terem sido as obras produzidas a partir de um modo semelhante de espiritualidade embutido no contexto histórico e social da época em que foram produzidas. No momento da produção de uma obra de arte, o artista coloca a sua maneira de estar no mundo. Na sua visão do mundo está embutido o seu conhecimento da história humana, bem como da arte. Esta sua bagagem de conhecimento da sua arte, não só a nível técnico, mas também a nível estético, o leva a identificar-se com certas obras produzidas por artistas que o precederam, de modo que o artista vê-se consciente e inconscientemente propellido a reproduzir em suas obras características do estilo destes artistas explícita ou implicitamente. Isto denota a adoção destas características como uma certa escola onde o artista busca a base para formar através do processo de tentativas, o seu estilo. Também é relevante o fato de que toda realização estimula a produção de imitações e

que um modo de formar pode ser difundido por este processo, ligando vários autores de diversas épocas e procedências. Cada modo de formar contém em si um universo de possibilidades que podem ser continuadas e interpretadas das mais variadas maneiras. É claro que isto passa pelo crivo individual de cada artista que possui seu modo único e singular de formar.

A única maneira de um artista definir seu estilo é produzindo. As primeiras obras de arte produzidas por qualquer artista ainda não são espiritualidade que descobriu e definiu um modo de formar, mas sim espiritualidade que se utiliza de um estilo ou modo de formar já existente. O processo pelo qual um artista define seu estilo é longo e requer muito trabalho. Durante este processo o artista vai amadurecendo passo a passo, de tentativa em tentativa, e a não ser que por alguma deficiência qualquer, seu modo de formar não consiga se estabelecer como estilo e permaneça ele na etapa de tentativa e busca, seu modo de formar se estabelecerá como seu próprio estilo único e inconfundível.

A Forma e o Conteúdo na Música

O senso comum difundiu a idéia de que os sentimentos são o conteúdo da música e que sua função como arte é despertar estes sentimentos. Portanto, na música, o fator sentimento assumiria uma dupla utilidade, pois seria ao mesmo tempo conteúdo e função. Eduard Hanslick¹ questiona esta idéia a partir de uma análise científica do que é o conteúdo da música. Os sentimentos não podem representar o conteúdo da música, pois estes são o resultado da contemplação estética desta. Os sentimentos são o efeito da forma e do conteúdo da música sobre quem a contempla. O conteúdo da música pode ser dado, assim como em qualquer outra arte, como sendo a representação da espiritualidade do artista e seu significado, a mensagem subjetiva existente no contexto global da obra. A música utiliza-se do meio físico sonoro para transmitir sua mensagem. Este meio, não sendo constituído de palavras, mas sim de sons abstratos organizados no tempo não nos permite uma análise segura do seu conteúdo por não apresentar uma linguagem concreta, onde a convenção do

¹Hanslick, Eduard. Do belo musical - Uma contribuição para a revisão da estética musical. Unicamp. Campinas - SP. 1992

significado dos símbolos desta linguagem aponte uma seqüência lógica de argumentos. A música tem o poder de nos remeter a determinados estados de espírito derivados da percepção dos sons musicais. Mas isto não é exclusividade da música e aplica-se de maneira geral a todas as artes. Também uma pintura nos suscita sentimentos ante a sua contemplação ou uma poesia ou uma escultura. O sentimento como sendo o conteúdo da música, por muito tempo preencheu o vazio de não termos uma resposta concreta acerca do que é conteúdo na música instrumental.

Os formalistas diriam que averiguar sobre a existência ou não de um conteúdo social na música não era relevante. O ponto de partida da criação musical para eles era a música na sua essência formal. Os efeitos sonoros possíveis em um determinado instrumento. A maneira da disposição dos sons na melodia, o riqueza harmônica da distribuição dos acordes, segundo seu ponto de vista falariam por si. Mas na música, como em qualquer outra arte, forma e conteúdo não são duas coisas distintas, mas sim duas faces complementares de uma mesma moeda e assim como qualquer outro artista, no momento da criação musical, o músico, além do domínio da forma inerente a sua arte, também expressa a sua espiritualidade, não no sentido metafísico, mas no sentido adotado por Pareyson² de espiritualidade como sendo a consciência do artista de sua época, de seus valores religiosos e morais. Se então, no momento da criação musical, o artista inclui na sua música a sua visão do mundo, subentende-se que queira dizer algo mais do que simplesmente expressar o seu conhecimento da técnica musical. Citando o exemplo de Beethoven, é acertado o que nos diz Fischer³ à respeito do caráter político da *Eroica*. A influência do contexto histórico em que foi produzida, se não explica totalmente o caráter da obra, é extremamente importante para a compreensão da personalidade de Beethoven, de suas posições frente aos acontecimentos de uma época revolucionária. Estas atitudes frente aos fatos estão implícitas na obra musical por fazerem parte da espiritualidade do artista e é esta, a espiritualidade, o conteúdo de qualquer obra de arte, e por conseguinte, da música..Tanto a análise formalista quanto a conteúdoística da música pecam em não vê-la como um todo composto de forma e de conteúdo. Stravinsky⁴ afirma que a música suscita não a um sentimento específico, mas sim um sentimento genérico ou *em abstracto*. Mas, retornando ainda ao exemplo de Beethoven, Fischer refuta este

²Pareyson, Luigi. Estética. Teoria da Formatividade. Ed. Vozes. São Paulo, 1993.

³Fischer, Ernst. a necessidade da arte. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1979

⁴Cf. Fischer, Ernest. **Op. Cit.** p208

argumento ressaltando que o sentimento de alegria evocada pelo coral da Nona Sinfonia, não é a mesma alegria proveniente da colheita farta, ou do nascimento de um filho. É uma alegria carregada da atmosfera da superação das contradições do sistema. Não é, portanto, uma alegria genérica. O conteúdo da música, por ser expresso de uma maneira abstrata, pode utilizar-se da forma para dar o seu recado, porém, ainda assim está subjugado a espiritualidade do artista. Por serem forma e conteúdo, dois fatores interligados na manifestação musical, uma inovação da forma só pode subentender uma nova concepção de espírito frente aos acontecimentos. Um exemplo claro disto é o da música medieval, que só admitia a voz como instrumento sagrado e o seu conteúdo era sempre o mesmo. O ser humano como pecador deveria temer a Deus e se renegar a sua insignificância perante a obra divina. No renascimento, a música instrumental volta a desenvolver-se e até mesmo a ser aceita pela Igreja. Esta mudança na forma (vocal para instrumental, monofônica para polifônica), se deve a uma mudança de pensamento, e por conseguinte, de espírito, que foi o resgate do humanismo pelos renascentistas. Isto nos leva a concluir que o conteúdo da música não é originário da ausência do homem, porque quem produz a música é um indivíduo que participa do contexto histórico. Ainda, segundo Fischer⁵, é necessário fazer-se uma diferenciação entre a música cujo único objetivo é o de criar uma mentalidade ou uma atmosfera uniforme, e este é o caso das marchas militares e da música de igreja, seja a da Idade Média ou a música Gospel americana do sec. XX, da música dos salões de dança profana da idade média ao *Dance Music* deste final de século, entre outras, e a música cujo significado esteja na expressão de sentimentos, idéias, experiências, enfim, expressão da espiritualidade do artista, visto que o até agora pressuposto somente é válido à segunda espécie de manifestação musical. A música sacra da idade média, ou a música militar possuem um caráter objetivo que por si só representa o seu conteúdo. Na concepção da música sacra da Idade Média, a forma não era tão relevante quanto a sua utilidade. Não se esperava desta música que fosse bela, apenas que cumprisse sua função como elemento importante na imposição de uma mentalidade submissa coletiva. Mas o que representa afinal a música? - Ela, como qualquer outra arte representa o belo, na música, explicado por Hanslick⁶ como sendo a fantasia do artista transformada em sons musicais por este e captada pelo ouvinte, ou contemplador da obra como mensagem desta. Em busca da representação

⁵Fischer, Ernst. **Op. Cit.** p.215

⁶Hanslick, Eduard. **Op. Cit.** p.18

ideal desta fantasia, o artista busca o aperfeiçoamento da forma e é nela, na forma que está a beleza da música.

Bibliografia

- PAREYSON, Luigi. **Estética: Teoria da Formatividade**. São Paulo: Vozes, 1993

- FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

- HANSLICK, Eduard. **Do Belo Musical**. Uma contribuição para a revisão da estética musical. 2.e. Campinas: Unicamp, 1992

- _____ . **Do Belo Musical**. Lisboa: Edições 70, 1994